



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**LUCINÉLIA LIMA DE MOURA**

**OS DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO E O ENSINO REMOTO  
NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID 19**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2021**

**LUCINÉLIA LIMA DE MOURA**

**OS DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO E O ENSINO REMOTO  
NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID 19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucilene Rezende Alcanfor.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2021**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

M887d

Moura, Lucinélia Lima de.

Os desafios da alfabetização e o ensino remoto no contexto da pandemia do Covid 19 /  
Lucinélia Lima de Moura. - 2021.  
49 f.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da  
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2021.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucilene Rezende Alcanfor.

1. Alfabetização - Recôncavo (BA). 2. Covid-19 (Doença) - Recôncavo (BA). 3. Ensino à  
distância - Recôncavo (BA). I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 372.41208142

**LUCINÉLIA LIMA DE MOURA**

**OS DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO E O ENSINO REMOTO  
NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID 19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 13/04/2021.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucilene Rezende Alcanfor (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Rita de Cassia Barbosa**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Veronica Albuquerque Almeida**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Dedico este trabalho aos meus pais, esposo, avó e aos meus irmãos, que sempre me apoiaram na minha trajetória. Aos professores da UNILAB pelas trocas de conhecimentos, interações e socializações durante minha passagem pelos cursos da instituição.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, Pai, o centro da minha vida por permanecer comigo a cada instante, fortalecendo e renovando minha esperança Nele. Sem Ele a minha jornada não teria sentido.

Aos meus pais pelo apoio, companheirismo, incentivo, dedicação, carinho, por cada palavra de motivação, pela preocupação diária. Minha pedra preciosa, Emília. Meu tesouro, Luiz (Viola). Sem vocês eu não teria conseguido.

Ao meu esposo Edilson que de maneira especial sempre me deu força para continuar. Obrigada pelo apoio, companheirismo e preocupação com a minha formação. Sei que posso contar com você.

A minha avó que não poderia faltar. Sem palavras para agradecer a ela que dedicou horas em oração para que tudo desse certo. Sua alegria em ter netas professoras contagia, por isso, o seu sonho tornou-se realidade, mais uma professora, que ama ser quem é. Te amo, vizinha.

Aos meus irmãos, Lucilene e Luís Bruno, que estão sempre ao meu lado, sejam nos momentos bons ou nos mais difíceis. Vocês completam minha existência.

A minha orientadora Lucilene Rezende Alcanfor pela atenção e dedicação. As nossas trocas de conhecimentos foram fantásticas, seu amor pela educação contagiou um coração na esperança de uma educação transformadora com o olhar centrado no aluno. Você fez a diferença na forma de olhar o aluno. Pode acreditar!

A todos os professores, funcionários, técnicos da UNILAB meus sinceros agradecimentos pela troca de conhecimento e parceria por longos semestres juntos. Aos colegas de estágio, minha profunda gratidão pelo auxílio no envio dos questionários via e-mail. A parceria foi crucial para colher dados da pesquisa. Gratidão!

Aos amigos verdadeiros que acreditaram no meu potencial e na minha dedicação aos estudos e um amor pela educação.

## RESUMO

Essa pesquisa se propõe a discutir e problematizar sobre os processos educacionais que ocorreram através do ensino remoto provocado pela pandemia do COVID 19 no ano de 2020, com destaque para o período da alfabetização. Analisamos os desafios enfrentados por professores, pelas famílias e pelas crianças que frequentaram algumas escolas de ensino fundamental I das redes públicas e particulares do Recôncavo Baiano e municípios adjacentes. Por meio de 48 questionários aplicados via Google forms e e-mail, foi possível perceber o quanto o ensino remoto desafiou os professores, alunos, pais e responsáveis no que diz respeito ao uso de novas tecnologias digitais. Nesse cenário pandêmico de distanciamento social e medidas protetivas contra a disseminação do COVID 19, esses cuidados foram necessários para preservar a vida das pessoas, com isso os recursos pedagógicos utilizados no processo de escolarização, em especial na alfabetização das crianças, sofreram mudanças e adaptações para que o processo de ensino-aprendizagem não deixasse acontecer durante o ensino remoto. No entanto, constatamos o agravamento da precarização das condições de trabalho dos profissionais da educação diante da pouca infraestrutura para ministrarem suas aulas, aumentando o fosso provocado pelas desigualdades sociais, agravado pela falta de acesso às tecnologias digitais da maioria dos alunos. Constatamos, por fim, que esse fenômeno de saúde pública, somado à falta de estrutura tecnológica das redes públicas municipais para ministrar aulas no formato de ensino remoto, bem como pela falta de acesso das famílias aos meios digitais, prejudicou profundamente a etapa do processo de alfabetização.

**Palavras-chave:** Alfabetização - Recôncavo (BA). Covid-19 (Doença) - Recôncavo (BA). Ensino à distância - Recôncavo (BA).

## ABSTRACT

This research aims to discuss and discuss the educational processes that occurred through remote learning caused by the COVID 19 pandemic in 2020, with emphasis on the literacy period. We analyzed the challenges faced by teachers, families and children who attended some elementary schools I in public and private networks in the Recôncavo Baiano and adjacent municipalities. Through 48 questionnaires applied via Google forms and e-mail, it was possible to see how remote teaching challenged teachers, students, parents and guardians with regard to the use of new digital technologies. In this pandemic scenario of social distancing and protective measures against the dissemination of COVID 19, these precautions were necessary to preserve people's lives. With this, the pedagogical resources used in the schooling process, especially in children's literacy, underwent changes and adaptations to that the teaching-learning process did not allow it to happen during remote teaching. However, we see the worsening of the precarious working conditions of education professionals in view of the lack of infrastructure to teach their classes, increasing the gap caused by social inequalities, aggravated by the lack of access to digital technologies for most students. Finally, we found that this phenomenon of public health, added to the lack of technological structure of the municipal public networks to teach classes in the remote teaching format, as well as the lack of access of families to digital media, profoundly damaged the stage of the process of literacy.

**Key words:** Covid-19 (Disease) - Recôncavo (BA). Distance education - Recôncavo (BA). Literacy - Recôncavo (BA).

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO 1 - OS DESAFIOS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA DURANTE A PANDEMIA</b>	17
2.1	PERFIL DOS PROFESSORES PARTICIPANTES DA PESQUISA	19
2.2	CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS PROFESSORES	21
2.3	UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS	23
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO 2 - ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO DA PANDEMIA</b>	26
3.1	AS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS FRENTE AOS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO	30
3.2	DESAFIOS DE ALFABETIZAR NO ENSINO REMOTO	33
3.3	DESAFIOS DOS PAIS E ALUNOS NA ALFABETIZAÇÃO NO FORMATO REMOTO	35
3.4	ANÁLISE DOS RESULTADOS SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	37
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	45
	<b>REFERÊNCIAS</b>	48

## 1 INTRODUÇÃO

A pandemia em curso do Coronavírus (COVID 19) tem impactado fortemente os sistemas educacionais em todo o mundo. Além das complexas questões pedagógicas relativas ao ensino remoto, a discussão envolve o tema da infraestrutura, das condições sociais e de saúde de toda a comunidade escolar e também as questões relativas à formação e condições de trabalho dos profissionais de educação que se encontram na linha de frente desse processo de reorganização escolar. Neste contexto, a presente pesquisa buscou conhecer os efeitos da pandemia do COVID 19 especificamente sobre o trabalho dos docentes no processo de alfabetização das crianças regularmente matriculadas em algumas escolas das redes públicas municipais do Recôncavo Baiano e municípios adjacentes no decorrer do ano de 2020.

O ensino remoto desafiou os professores da educação básica, tanto da rede pública quanto da privada. O planejamento escolar sofreu alterações necessárias para a adaptação às novas tecnologias digitais, que antes da pandemia, eram pouco utilizadas nos espaços escolares por diversas questões. Nesse contexto pandêmico onde o afastamento social foi um ato necessário para evitar a contaminação através do vírus do COVID19, os recursos pedagógicos utilizados na alfabetização das crianças sofreram mudanças e adaptações para que a escolarização das crianças não deixasse de existir.

Estudar através das tecnologias digitais foi um desafio para todos os envolvidos no contexto escolar, principalmente para os docentes e alunos da educação básica. Os professores se reinventaram, os alunos, os pais ou responsáveis, que tiveram que enfrentar a angústia de não ter a escola aberta para as aprendizagens das crianças, as trocas de experiências, socializações e interações tão importantes na construção do conhecimento e de identidades, e tiveram pouco tempo para adaptação à nova rotina escolar em casa através das tecnologias digitais, ferramentas estas tão desconhecidas ou com pouco uso no cotidiano escolar, familiar e social de todos os envolvidos no âmbito educacional. O esforço dos professores, pais e alunos foi notório para que o processo de escolarização tivesse uma continuidade durante o afastamento social por conta da pandemia do COVID 19. Durante esse processo de adaptação de aulas no sistema de ensino remoto, foi possível perceber e refletir sobre a importância das interações e socializações entre professores e alunos, na construção de relações de aprendizagens na sala de aula, que com a pandemia sofreu impactos educacionais, sociais e de afetividade nas relações dentro e fora do âmbito escolar.

Como forma de impedir a disseminação do vírus do COVID 19, as escolas tiveram que organizar as aulas através de plataformas digitais de aprendizagens, fazendo uso do ensino remoto em todos os segmentos educacionais. Mas o que é ensino remoto? No ensino remoto:

[...] o ensino presencial físico (mesmos cursos, currículo, metodologias e práticas pedagógicas) é transposto para os meios digitais, em rede. O processo é centrado no conteúdo, que é ministrado pelo mesmo professor da aula presencial física. Embora haja um distanciamento geográfico, privilegia-se o compartilhamento de um mesmo tempo, ou seja, a aula ocorre num tempo síncrono, seguindo princípios do ensino presencial. A comunicação é predominantemente bidirecional, do tipo um para muitos, no qual o professor protagoniza vídeo-aula ou realiza uma aula expositiva por meio de sistemas de webconferência. Dessa forma, a presença física do professor e do aluno no espaço da sala de aula geográfica são substituídas por uma presença digital numa sala de aula digital. No ensino remoto ou aula remota o foco está nas informações e nas formas de transmissão dessas informações (MOREIRA e SCHLEMMER *in* SOUZA, 2020, p. 113).

Diante disso, o ensino remoto propôs uma nova rotina de trabalho para os docentes, que passaram a usar tecnologias pouco acionadas no ensino presencial, ocasionando alguns problemas e desafios na educação em tempos de pandemia. Ainda existe um agravante nesse processo de transformação do ensino presencial para o remoto: a maioria dos professores não receberam formação para ministrar aulas em formato digital ou receberam de forma superficial as informações de como operar as ferramentas digitais, como recurso pedagógico necessário para o processo de ensino-aprendizagem, no desenvolvimento e escolarização dos alunos em tempo de distanciamento social por conta do COVID19.

Além da dificuldade de como utilizar as plataformas digitais as/os professoras/es precisaram adaptar as atividades pedagógicas que seriam desenvolvidas e aplicadas no ensino remoto, pois os alunos também precisaram corresponder às demandas impostas no processo educacional não presencial. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, 2018), 20,9% dos domicílios brasileiros não têm acesso à internet, isso significa cerca de 15 milhões de lares. A pesquisa TIC Kids Online Brasil mostra que 11% das crianças e adolescentes de 9 a 17 anos não tem acesso a internet, correspondendo 3 milhões de pessoas, sendo que 1,4 milhões nunca tiveram acesso a rede (SOUZA, 2020, p. 111). Além disso, não podemos minimizar o fato de que milhões de alunos não tiveram acesso às aulas remotas através das plataformas digitais.

Com base nessa realidade, não podemos desconsiderar as diferenças econômicas das classes sociais que ocupam os diversos contextos educacionais existentes no Brasil, onde os alunos das classes médias e altas conseguem ter acesso com facilidade aos recursos necessários para participarem das aulas remotas e possuem uma estrutura propícia para o

desenvolvimento das atividades escolares propostas nas aulas não presenciais. Entretanto, para os alunos em situação de vulnerabilidade social, a realidade imposta é outra, às vezes os alunos compartilham com várias pessoas o mesmo cômodo da casa, dividem o mesmo aparelho eletrônico ou não possuem nenhum equipamento que possibilite o acesso às ferramentas digitais tornando-se impossível o acesso e o desenvolvimento das atividades no sistema remoto.

Sabemos que mudanças não são simples, em especial na escola, espaço por um lado privilegiado para a inovação e transformação social, mas, por outro lado, com um currículo e metodologias ainda profundamente tradicionais (SANTOS, 2006). Pensando nas metodologias e recursos aplicados pelos professores nas aulas remotas, percebemos ainda métodos tradicionais de ensino, onde os livros didáticos eram usados maciçamente como principal ferramenta de aprendizagem dos alunos. Mesmo com os diversos desafios impostos nesse momento de pandemia, as práticas pedagógicas precisam ser reinventadas e adaptadas aos diversos contextos sociais, educacionais e familiares, ou seja, outras possibilidades que possam superar o modelo tradicional, bancário de educação (FREIRE, 2011).

Nesse sentido, o ensino remoto mostrou como as práticas tradicionais estão presentes na sala de aula, onde os conteúdos são transmitidos para cumprir com o planejamento estabelecido para cada ano/série da educação básica, sem uma preocupação com as especificidades e realidades sociais que compõem a escola, sobretudo, a sala de aula. Inserido em tal contexto do ensino remoto por conta da pandemia do COVID19, este artigo se justifica através de um olhar sensível para as demandas da educação, sobretudo, para os alunos, os pais e professores no processo de alfabetização, utilizando as ferramentas digitais no processo de ensino-aprendizagem. Frente a esses aspectos, nos chamou atenção a importância do ensino presencial para as construções e trocas de conhecimentos entre professor e aluno, e os desafios enfrentados pelos professores no uso das ferramentas digitais como recurso pedagógico possível para que a escolarização continuasse durante o ensino remoto.

As vivências como professora em uma instituição privada, que trabalha com alfabetização e letramento na cidade de São Francisco do Conde, motivaram a escolha por este tema de pesquisa. No entanto, com a mudança das aulas presenciais para o formato remoto, que é um fenômeno social e educacional muito recente e, em face dos desafios enfrentados pelos gestores, professores e alunos da educação básica para alfabetizar através do ensino remoto em meio à pandemia do COVID19, nos desafiamos a pensar a alfabetização

através desse novo formato de escolarização, que em face das condições sanitárias para evitar a proliferação no vírus não permitiu a realização da pesquisa de campo nas escolas.

A metodologia empregada neste estudo segue uma abordagem qualitativa, a qual contempla um “campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais (...) e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre (...) procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles”. (CHIZZOTTI, 2003, p. 221)

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa. (CHIZZOTTI, 2003, p. 221)

Trata-se, portanto, de uma abordagem qualitativa de caráter exploratória e explicativa, na medida em que, enquanto pesquisa exploratória “busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto”. Por conseguinte, é uma preparação para a pesquisa explicativa, ou seja, “aquela que, além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos”. (SEVERINO, 2007, p. 123)

A técnica empregada na metodologia que, segundo Severino (2007, p. 124) são os “procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização das pesquisas”, foi por meio da aplicação de questionários com questões fechadas e abertas. Deste modo, aplicamos os questionários via Google Forms e enviando por e-mail. Os dados coletados para essa pesquisa foram referentes ao ano de 2020, quando as aulas passaram a ser ofertadas no formato remoto. Recebemos um total de 48 questionários, que foram aplicados no início do ano de 2021, para analisar o ensino remoto e seus efeitos educacionais para os professores e alunos que estavam no ensino fundamental no ano letivo de 2020. Esses dados ajudaram a analisar o ensino remoto, o perfil dos professores que responderam aos questionários, a formação acadêmica, perceber os desafios em alfabetizar através das plataformas digitais e as condições de trabalho dos professores. O público-alvo desta pesquisa são os (as) professores(as) da Educação Básica das redes públicas de ensino (37 participantes) e escolas particulares (11 participantes) do Recôncavo Baiano e cidades vizinhas.

Por se tratar de um tema muito recente e com uma escassa bibliografia, optamos por utilizar fontes da imprensa, sites e entrevistas que trataram da temática dos desafios da educação frente à pandemia do COVID19.

Levando em consideração o ensino em tempo de pandemia e os diversos impactos educacionais, a presente pesquisa suscitou alguns questionamentos acerca do processo de alfabetização dos alunos da rede pública de ensino. Foi possível alfabetizar os alunos no formato remoto no contexto da pandemia? Quais foram os recursos usados pelos professores para alfabetizar através das plataformas digitais? Será que houve alguma formação para os professores para utilizar as plataformas digitais? Como os pais ou responsáveis participam do ensino-aprendizagem dos alunos durante o processo de alfabetização?

Considerando os desafios de abordar um tema tão recente e, diante da escassa bibliografia sobre o assunto, uma vez que muitas pesquisas ainda estão em construção, fizemos o levantamento bibliográfico de estudos em andamento, entrevistas e documentos com tabulação de dados sobre a educação no contexto da pandemia e nos servimos de várias matérias publicadas na imprensa periódica.

A imprensa se tornou uma fonte privilegiada para contextualizarmos o momento atual em que vivemos. Deste modo, nos servimos das seguintes entrevistas publicadas na Revista Nova Escola, no ano de 2020: “Ansiedade, medo e exaustão: como a quarentena está abalando a saúde mental dos educadores”<sup>1</sup>, “O malabarismo de ser mãe e professora na quarentena”<sup>2</sup>; “Escolas rurais em quarentena: internet via rádio, acesso limitado aos materiais impressos e evasão escolar”<sup>3</sup>; “Sem aulas e em casa: a realidade dos professores que estão

---

<sup>1</sup> [Como o ensino remoto e a quarentena estão impactando a saúde mental dos professores?](#) Matéria publicada em 01/07/2020 discute como as rápidas mudanças, alto nível de cobranças, frustrações diárias e dificuldades técnicas durante o ensino remoto comprometem o psicológico dos educadores brasileiros.

<sup>2</sup> [Os desafios das professoras que são mães e enfrentam dupla jornada na quarentena.](#) Matéria publicada em 20/07/2020 apresenta os desafios do ensino remoto, como as educadoras acumulam tarefas como as atividades domésticas, acompanhamento escolar dos filhos e cuidados com os membros da família.

<sup>3</sup> [Escolas rurais: conheça os desafios e relatos durante o ensino remoto.](#) Matéria publicada em 01/07/2020, traz o relato de quatro professores frente os desafios do ensino no campo durante a pandemia e o que fazem para estarem próximos dos alunos.

sem atividades durante a quarentena”<sup>4</sup>; “Da pandemia nasce uma nova relação entre escola e família”<sup>5</sup>.

A matéria publicada no jornal Correio Braziliense em 20/09/2020, intitulada “Pandemia atinge alfabetização: especialistas alertam para novo modelo”<sup>6</sup> traça um balanço dos especialistas sobre a necessidade de se pensar um novo modelo de ensino, que atenda sobretudo às crianças pobres, mais penalizadas pela covid.

Além dessas fontes, dialogamos com uma entrevista concedida por Magda Soares para a revista Futura & Educação, onde a pesquisadora discute a situação da alfabetização e do letramento e seus desafios no contexto da pandemia<sup>7</sup>.

Os dados apresentados em alguns documentos consultados neste trabalho traçam um retrato da educação no contexto da pandemia e foram muito importantes para construirmos nosso roteiro de perguntas e análise dos dados. “Retratos da educação no contexto da pandemia do coronavírus: perspectivas em diálogo”<sup>8</sup>, publicado em agosto de 2020, é um documento construído em parceria com diversas instituições e apresenta um amplo panorama dos resultados de 5 estudos realizados entre março e junho do período da pandemia, com o objetivo de qualificar as reflexões que derivam de seus achados, trazendo a voz dos diferentes públicos envolvidos, em diferentes momentos do contexto, com a intenção de orientar as ações de gestores educacionais, gestores escolares e docentes no planejamento das atividades presenciais ou híbridas, bem como apoiar a mobilização da comunidade escolar e de toda a sociedade na retomada das aulas presenciais.

Outra importante coleta de dados está presente no “Resumo técnico da pesquisa: trabalho docente em tempos de pandemia”<sup>9</sup>, pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (Gestrado/UFGM), sob a coordenação da Profa. Dra. Dalila Andrade Oliveira. O estudo

---

<sup>4</sup> [Como estão os professores sem atividades durante o ensino remoto?](#) Matéria publicada em 07/07/2020 discute como os educadores, em meio a aulas televisionadas, utilizam o tempo parados para investir em formação.

<sup>5</sup> [Da pandemia, nasce uma nova relação entre escola e família.](#) Matéria publicada em 08/07/2020 traz o relato de professores que afirmam que os pais têm participado das tarefas escolares à distância.

<sup>6</sup> [Pandemia atinge alfabetização; especialistas alertam para novo modelo.](#) Matéria publicada no Correio Braziliense em 20/09/2020.

<sup>7</sup> [Quais os desafios da alfabetização e o letramento durante a pandemia?.](#) Entrevista publicada em 08/09/2020.

<sup>8</sup> [RETRATOS DA EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS AGOSTO/2020.](#)

<sup>9</sup> RESUMO TÉCNICO DA PESQUISA TRABALHO DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA. [Apresentação do PowerPoint.](#)

buscou conhecer os efeitos da pandemia do COVID 19 especificamente sobre o trabalho dos docentes das redes públicas de ensino.

Deste modo, este trabalho está dividido em 2 capítulos: No primeiro abordamos os desafios dos professores de educação básica durante a pandemia, no segundo os desafios da alfabetização e do letramento no contexto da pandemia.

## **2 CAPÍTULO 1 - OS DESAFIOS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA DURANTE A PANDEMIA**

A educação pública enfrenta diversos problemas que foram evidenciados e potencializados neste contexto de pandemia do COVID 19: escolas sucateadas, sem estrutura física para o número de alunos e profissionais envolvidos no contexto escolar, sem professores suficientes para dar aula, sem equipamentos para facilitar o ensino-aprendizagem e sem tecnologias digitais para facilitar o trabalho do professor e do aluno na sala de aula, e sem contar que muitos alunos em situação de vulnerabilidade social não tem acesso à internet e as tecnologias digitais. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996, p. 08), o dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: [...] “padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como a variedade e qualidade mínima, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem”.

Essa mudança necessária trouxe diversas adequações das aulas, atividades e rotina dos professores, alunos, dos pais ou responsáveis. Entretanto, essas adequações não foram tão fáceis e simples assim, pois os professores tiveram que se adaptar sem nenhuma formação ao uso das ferramentas digitais, tiveram muitas vezes que dividir com alguém da casa o mesmo aparelho celular, computador, tablet para acompanhar as aulas on-line, contavam ainda com os barulhos internos e externos da casa, tiveram dificuldades em lidar com as ferramentas digitais, dificuldade de acesso a internet e tiveram dificuldade em ter um espaço físico adequado para as aulas. Além dessas questões, existiam os sentimentos em relação ao nosso momento atual como: apreensão em relação à perda de direitos e garantias, solidão em razão do afastamento social, medo de perder o emprego, medo e insegurança por não saber quando e como será o retorno à normalidade e angústias com relação ao futuro.

Ainda sobre os desafios enfrentados pelos professores, é possível destacar uma carga horária excessiva para planejamento e aplicação das aulas. Os professores ultrapassam a carga horária estabelecida para garantir o desenvolvimento e habilidade dos alunos no ensino remoto, ainda dispor de tempo para exercer outras funções como diretora, coordenadora, elaborar os projetos escolares, cuidar dos filhos e da casa. O desgaste emocional e psicológico dos professores intensificou frente à pandemia do COVID 19.

Como prevenção contra a propagação do vírus, as escolas suspenderam as atividades e aulas presenciais e passaram a ofertar o ensino remoto nas redes públicas e particulares.

Diante do novo contexto educacional, elaboramos o questionário de perguntas referente ao ensino remoto e o processo de alfabetização das crianças através das plataformas digitais. Os questionários foram enviados aos professores das redes públicas da educação básica nos anos iniciais do ensino fundamental de algumas escolas do Recôncavo Baiano e cidades vizinhas através de e-mail ou pelo questionário realizado no Google Forms. As perguntas que encadearam as respostas do questionário foram:

- Qual a sua idade?
- Qual a sua formação?
- Em 2020 você trabalhou na rede pública ou privada?
- Em qual ano do ensino fundamental você atuou em 2020?
- Você trabalhou em período integral ou meio período?
- Em 2020 você realizou atividades de trabalho não presenciais (a distância) devido à COVID 19? De que forma?
- Quais recursos tecnológicos você dispunha para ministrar aula?
- Você precisou dividir os equipamentos tecnológicos com pessoas de casa?
- Possuía experiência anterior ministrando aulas não presenciais (remota)?
- Qual foi o tipo de internet utilizada?
- Em relação a lidar com as tecnologias digitais você considerou: Muito difícil, Difícil, Fácil ou Regular?
- No ano de 2020 você participou de alguma formação para uso de tecnologias digitais?
- No caso das atividades enviadas para casa, com qual frequência eram encaminhadas?
- Como as atividades eram encaminhadas?
- Você conseguiu acompanhar a realização das atividades enviadas para casa?
- Quanto à participação dos alunos nas atividades proposta, você considera que: diminuiu drasticamente, diminuiu pouco, manteve-se igual, aumentou?
- Os casos de diminuição da participação se deram porquê?
- Quanto à retomada dos conteúdos trabalhados no retorno das aulas presenciais, você considera que: necessitará ser trabalhado integralmente, necessitará ser trabalhado parcialmente ou terá sido trabalhado com sucesso, sem precisar retomar os conteúdos?
- A instituição na qual você trabalhou ofereceu suporte emocional e psicológico?

- Quais são seus sentimentos em relação ao momento atual?
- Foi possível alfabetizar as crianças através do ensino remoto? Se possível, relate um pouco sua experiência:
  - Quais foram os maiores desafios em alfabetizar em formato remoto?
  - Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas por seus alunos no ensino remoto?
  - Quanto a terminarem o ano letivo alfabetizados, você considera: que boa parte conseguiu se alfabetizar, a maioria não conseguiu se alfabetizar ou nenhum aluno conseguiu se alfabetizar.

## 2.1 PERFIL DOS PROFESSORES PARTICIPANTES DA PESQUISA

O público-alvo desta pesquisa são os(as) professores(as) da Educação Básica das redes públicas de ensino e privada de algumas escolas do Recôncavo Baiano e cidades vizinhas, que atuaram no ano de 2020 no formato de ensino remoto. A coleta de dados ocorreu por meio de questionário on-line no Google forms e pelo envio dos questionários por e-mail. De acordo com a pesquisa realizada, as mulheres representam 78,4% do total dos participantes, sendo que mais da metade dos respondentes são mulheres com idade entre 30 a 39 anos.

São mulheres que conciliam a docência (que neste momento de ensino remoto vem exigindo muito mais das habilidades, tempo e espaço dos professores), com atividades da vida familiar, profissional e pessoal, acarretando um possível desgaste físico e psicológico. Os dados coletados neste estudo corroboram com os depoimentos de professoras em entrevistas cedidas para a revista Nova Escola ao longo de 2020. Algumas professoras relataram a dificuldade em conciliar as atividades de casa com as aulas remotas. "Como mãe, esposa e dona de casa a gente tem sempre uma coisa para fazer", resume Bruna. Lidiane, que também é mãe e professora, desabafa sobre o acúmulo de funções na modalidade de trabalho home office: "Eu sempre dizia que queria trabalhar em casa, agora não quero mais", "Eu tento fazer o que dá. Aos finais de semana consigo dar uma geral [na casa], mas sempre acumula". Em relação à participação do companheiro nas atividades domésticas a professora Patrícia afirmou que "O que ele puder fazer, ele faz. Mas não tem como, o mais pesado sou eu mesma"<sup>10</sup>. Diante desses relatos percebemos a importância de pensar e refletir nas condições

---

<sup>10</sup> NOVA ESCOLA. [Os desafios das professoras que são mães e enfrentam dupla jornada na quarentena.](#)

de trabalho das professoras que durante o ensino remoto tiveram que dobrar a carga de trabalho para dar conta das atividades profissionais com as atividades de casa.

Nesse cenário de múltiplas tarefas desempenhadas pelas professoras, acaba influenciando na qualidade de vida e profissional das mesmas, que muitas vezes não têm a valorização e reconhecimento merecidos no ambiente escolar. De acordo com a pesquisa que realizamos com professores da Educação Básica, foi possível perceber que a grande maioria das professoras são casadas e trabalham em tempo integral nas escolas onde lecionam, isso pode significar uma dupla jornada de trabalho. Em entrevista para a Revista Nova Escola, em 20 de junho de 2020<sup>11</sup>, Nanah Vieira, a cientista social e doutoranda em sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) na linha de relações de gênero e raça pontua que:

mesmo as mulheres que conseguem dividir as tarefas em casa, ainda sofrem uma sobrecarga que é invisibilizada. Isso porque, na maior parte dos casos, ainda são as mulheres que são as responsáveis pelo trabalho mental da organização doméstica. Por isso, é necessário compreender as condições reais de trabalho das professoras, colocar nessa equação todas as tarefas que são invisibilizadas e sobrecarregam a rotina das educadoras para pensar em caminhos possíveis de organização.

A rotina de trabalho das professoras pode ocasionar uma exaustão das docentes com relação às atividades diárias e profissionais pois precisam lidar com sobrecargas diárias que são muitas vezes invisibilizadas nos contextos educacionais, sociais e familiares. Em entrevista a Nova Escola, em 20 de junho de 2020<sup>12</sup>, a professora Midiã Ruama, relatou que: “tem dias que não consigo fazer almoço e tem que pedir marmite, [...] Acaba sempre ficando alguma coisa a desejar. Queria dar conta de tudo, mas não consigo. Eu aprendi a não me cobrar tanto, porque vou sofrer”.

Mesmo diante da sobrecarga de trabalho, constatamos nos questionários respondidos que, sendo a maioria das respondentes do gênero feminino, boa parte delas trabalha em período integral e não é comum se dividirem entre dois municípios. E perante todas as dificuldades, quando se trata da formação acadêmica dos professores que participaram da nossa pesquisa foi possível perceber que, 45,9% possui especialização, 45,9% tem graduação e 10,8% tem magistério em nível superior. Esses dados corroboram para comprovar o avanço na qualificação acadêmica dos professores(as) da educação básica.

---

<sup>11</sup> NOVA ESCOLA. [Os desafios das professoras que são mães e enfrentam dupla jornada na quarentena.](#)

<sup>12</sup> NOVA ESCOLA. [Os desafios das professoras que são mães e enfrentam dupla jornada na quarentena.](#)

## 2.2 CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS PROFESSORES

Os possíveis impactos na rotina de trabalho dos professores através do ensino remoto trouxeram consequências para o planejamento e desenvolvimento das aulas não presenciais. A carga horária estendida, gravações de vídeos, elaboração do cronograma de atividades, aulas on-line e ainda tempo disponível para pesquisar como manusear as plataformas digitais, acarretou uma sobrecarga na rotina e nas condições de trabalho do professor(a). O ensino remoto exigiu que os professores tivessem equipamentos tecnológicos para ministras as aulas como: computador, notebook, tablet, celular, entre outros. Mas não basta ter os equipamentos para a realização das aulas, é preciso que as condições de trabalho sejam propícias.

Essas adaptações não podem passar despercebidas nos contextos educacionais, sociais e familiares, pois os professores trabalharam muitas vezes em condições mínimas de trabalho, mas não deixaram de desenvolver suas aulas para que a escolarização e as trocas de conhecimentos estivessem presentes na vida escolar dos alunos. De acordo com a pesquisa 51,4% dos professores tiveram que dividir o equipamento tecnológico com algum familiar.

Diante dos diversos desafios e adaptações com o ensino, o professor ainda precisou lidar com algumas questões que influenciaram de alguma forma na qualidade das aulas. Em casa, por exemplo, os professores precisavam adaptar os locais para as gravações dos vídeos ou aulas on-line, contar ainda com os barulhos dentro e fora do ambiente onde estavam sendo ministradas ou gravadas as aulas. As condições de trabalho dos professores eram favoráveis no ensino remoto? Algumas questões relacionadas à condição de trabalho docente foram potencializadas no ensino remoto, como escolas sem infraestrutura, sem recursos tecnológicos, superlotação, equipe docente sem qualificação profissional para atuar na sala de aula, entre outras questões. Ainda podemos ressaltar a dupla jornada de trabalho que muitas vezes inviabilizou a qualidade dos trabalhos dos professores no ensino remoto. De acordo com a publicação de Paula Salas, na revista Nova Escola em 20 de julho de 2020<sup>13</sup>:

Para quem faz da sua casa o novo ambiente de trabalho, ainda sobram outras tarefas além da carreira docente: os cuidados com a família, as atividades domésticas e o acompanhamento das aulas e conteúdos escolares dos filhos, por exemplo. Tarefas muitas vezes exclusivas das mulheres ou pouco compartilhada com outros membros da casa.

---

<sup>13</sup> NOVA ESCOLA. [Os desafios das professoras que são mães e enfrentam dupla jornada na quarentena.](#)

Em relato a revista Escola Nova em 20 de julho<sup>14</sup> a professora Midiã Ruana descreve sua rotina em casa e os desafios para conciliar com a jornada de trabalho com as atividades relacionadas aos afazeres domésticos: “Acaba sempre ficando alguma coisa a desejar. Queria dar conta de tudo, mas não consigo. Eu aprendi a não me cobrar tanto, porque vou sofrer”. Por conta dessa jornada de trabalho excessivo as(os) professores(as) podem acarretar problemas como estresses, ansiedade, depressão, problemas musculares, exaustão, cansaço físico e mental, entre outros problemas.

Na pesquisa que realizamos 35,1% sentem medo e insegurança por não saber quando e como será o retorno à normalidade, 35,1% sem angustia em relação ao futuro e 16,2% apreensão em relação à perda de direitos e garantias.

Por fim, vale ressaltar as condições de acesso dos professores à internet. Para que as aulas remotas acontecessem de forma satisfatória os professores da educação básica, sobretudo, os professores dos anos iniciais precisariam ter acesso à internet de qualidade para ministrar as aulas nas plataformas digitais, sem atrapalhar ou interromper as interações e socializações durante as aulas não presenciais. Na pesquisa 59,5% dos professores usaram internet de banda larga, 32,4%, outras 8,1% afirmaram fazer uso de planos de celular.

As escolas precisam oferecer aos alunos condições de trabalho favorável para o desenvolvimento das aulas não presenciais, pois isso reflete na qualidade do ensino-aprendizagem dos alunos da rede pública que, nesse sentido, ficam em desigualdade em relação aos alunos matriculados na rede privada. Em entrevista ao Correio Braziliense<sup>15</sup> Thaiane Pereira, coordenadora de projetos do Todos pela Educação e Xênia Mara Honório, coordenadora do programa de pós-graduação em Educação do Centro Universitário Estácio de Brasília ressaltam sobre as dificuldades de acesso às tecnologias das crianças em vulnerabilidade social:

É preciso considerar que a questão não é somente a oferta de aulas não presenciais, mas o acesso dos estudantes a esses meios tecnológicos. Grande parte dos estudantes de classes sociais mais pobres vive em um contexto de vulnerabilidade social. Agrega-se a essa realidade o pouco acesso à internet e a computadores, tablets e celulares.

As desigualdades sociais foram afloradas nos contextos educacionais na pandemia do COVID19 com o ensino remoto, pois os acessos às tecnologias e a internet não eram

<sup>14</sup> NOVA ESCOLA. [Os desafios das professoras que são mães e enfrentam dupla jornada na quarentena.](#)

<sup>15</sup> CORREIO BRAZILIENSE. [Pandemia atinge alfabetização; especialistas alertam para novo modelo.](#)

igualitários entre os alunos, ocasionando uma disparidade nas condições de trabalho dos professores e dos acessos dos alunos da rede pública de ensino nas aulas não presenciais.

### 2.3 UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS

Antes da pandemia causada pelo vírus do COVID 19, as tecnologias digitais não eram usadas com frequência nas aulas das escolas públicas por causa de algumas questões: não tinham equipamentos digitais nas escolas, os equipamentos estavam quebrados ou alguns professores não sabiam usar os equipamentos, sendo assim, as tecnologias digitais são recursos pedagógicos pouco acionados pelos professores como suporte para as aulas. Como as aulas presenciais foram suspensas e as estratégias de ensino foram transformadas de forma emergencial, as tecnologias passaram a ser uma necessidade educacional básica para as trocas de conhecimentos, para as relações de ensino-aprendizagem de professor e aluno e de aluno com aluno no contexto de ensino remoto. De acordo com Lemke (apud ROJO, 2012, p. 18):

habilidades de autoria multimidiática correspondem, de forma aproximada, a habilidades tradicionais de produção textual e de leitura crítica, mas precisamos compreender o quão estreita e restritiva foi, no passado, nossa tradição de educação letrada para que possamos ver o quanto a mais além do que estamos dando hoje os estudantes precisarão no futuro. Nós não ensinamos os alunos a integrar nem mesmo desenhos e diagramas à sua escrita, quanto menos imagens fotográficas de arquivos, vídeos, efeitos sonoros, voz em áudio, música, animação ou representações mais especializadas (fórmulas matemáticas, gráficos e tabelas, etc.).

Com as novas mudanças no sistema educacional e a oferta de aulas não presenciais, os professores precisam de alguma forma inserir as ferramentas digitais como recurso pedagógico diário e necessário nos contextos educacionais na pandemia do COVID 19 e depois que as aulas retornarem de forma presencial. É mais que preciso os professores fazerem uso dessas tecnologias como instrumento didático de modo a facilitar a mediação no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo na sala de aula. Isso tem a ver com práticas de letramento na escola, que devem ser múltiplas, de modo a promover a inclusão social e digital dos nossos alunos.

Em primeiro lugar, que, assim como foi capaz de popularizar os impressos, urge que a escola se preocupe com o acesso a outros espaços valorizados da cultura (museus, bibliotecas, teatros, espetáculos) e a outras mídias (analógicas e digitais). Em segundo lugar, é também urgente que reveja suas práticas de letramento, pois os resultados - tanto escolares, como em termos de indicadores de alfabetismo da população - ainda são elitizados e muito insuficientes para a grande maioria da população (74%) (ROJO, 2009, p. 52)

O distanciamento social necessário para evitar o contágio e a disseminação do vírus mudou completamente o cotidiano escolar no Brasil e no mundo, como foi o caso das escolas do Recôncavo Baiano no ano de 2020. A utilização de meios tecnológicos tem sido um desafio para a educação, tanto para professores como para os alunos e para todos os envolvidos na Educação Básica. A dificuldade ficou ainda maior porque a maioria dos professores não passaram por nenhuma formação para lidar com os recursos tecnológicos necessários para o desenvolvimento das aulas em formato remoto. Alguns professores acabaram por conta própria procurando uma formação na área para garantir o mínimo de conhecimento para atuação nas aulas não presenciais.

Entre os professores que participaram da pesquisa 8,1% relataram que participaram de formação para o uso de tecnologias digitais ofertadas pela escola, 18,9% afirmam que tiveram capacitação pela Secretaria de Educação, 21,6% receberam formação por outra instituição e 51,4% alegam que não receberam nenhum tipo de formação.

Perante as dificuldades do uso das tecnologias digitais é necessário refletir sobre os vínculos e as relações de interação e socialização entre os professores e os alunos. Esses vínculos e relações permaneceram nas aulas remotas? Como usar tais tecnologias digitais num país onde a desigualdade é tão forte? Tais inquietações nos faz refletir sobre as mazelas sociais que atingem a educação do nosso país. É impossível afirmar que todos os alunos e professores puderam ter acesso as tecnologias digitais e as conexões de qualidade. Mas ao mesmo tempo nos faz pensar em outras possibilidades para a educação e para o desenvolvimento de novas estratégias educacionais, ou seja, outras possibilidades que possam superar o modelo tradicional, bancário de educação (FREIRE, 2011).

Segundo Sousa (2020, p. 112) “apesar das TIC já fazerem parte, direta ou indiretamente, da rotina das escolas e da realidade de muitos professores e estudantes, a utilização delas no período de pandemia, para substituir os encontros presenciais, tem encontrado vários desafios”. A autora ainda complementa que:

Consideramos que as TIC, os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), as redes sociais, que atualmente fazem parte do domínio cognitivo de muitos de nós, não devem ser considerados como simples objetos, tampouco como soluções para antigos problemas. Acima de tudo, devem ser vistos como propulsores da criação de novas relações com a informação, com o tempo, com o espaço, consigo mesmo e com os outros. Portanto, mais do que nunca, a educação é convocada a se singularizar, a se reinventar buscando outras possibilidades pelo uso das TIC e pela habitação nos AVA. (SOUSA, 2020, p. 112)

As novas demandas da educação mudaram as atividades planejadas para serem aplicadas pelos professores na sala de aula de forma não presencial através das plataformas digitais. As aulas remotas mostraram que a educação precisa de fato se reinventar, ressignificar e quebrar paradigmas. O momento propiciou experimentar novas possibilidades e metodologias que levam em conta as potencialidades dos alunos. De acordo com os professores que responderam ao questionário, o principal recurso didático utilizado nas aulas remotas foram as atividades programadas quinzenalmente ou mensalmente disponibilizados para cada ano da Educação Básica.

### 3 CAPÍTULO 2 - ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO DA PANDEMIA

A alfabetização é um processo muito importante no desenvolvimento das habilidades e competências dos alunos relacionadas à representação dos códigos e símbolos da Língua Portuguesa, sobretudo, o código alfabético. De acordo com Magda Soares (2020a, p. 27), alfabetização:

é o processo de apropriação da “ tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas- procedimentos, habilidades- necessárias para a prática da leitura e escrita; domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas; habilidades motoras de uso de instrumento de escrita ( lápis, caneta, borracha... ) ; aquisição de modos de escrever e de modos de ler – aprendizagem de uma certa postura corporal adequada para escrever ou para ler; habilidades para ler e escrever, seguindo as convenções da escrita, tais como: a direção correta da escrita na página ( de cima para baixo , da esquerda para direita; a organização espacial do texto na página; a manipulação correta e adequada dos suportes em que se escreve e nos quais se lê – livro , revista, jornal , papel.

O processo de alfabetização marcará todo o percurso do aluno durante o processo educacional proporcionando momentos importantes nas relações sociais, culturais, familiares e educacionais, pois alfabetizar é muito mais que decodificar códigos e símbolos, é um ato reconhecimento, pertencimento e construção de identidades, é a inserção da criança no mundo letrado. Nesse contexto de alfabetização é necessário levar para sala de aula as realidades sociais para construção de metodologias que dialoguem com as especificidades de cada aluno no processo de alfabetização, e que os alunos possam se aprimorar e se aproximar de forma significativa de leitura, da escrita e das interpretações das realidades sociais que eles estão inseridos. Em entrevista para a revista Futura & Educação, Magda Soares (2020b) apresenta importantes reflexões sobre a alfabetização no contexto da pandemia do COVID19:

Neste contexto de pandemia, que nos obriga a separar as crianças de seus professores e a descaracterizar o *locus* da aprendizagem – não mais a escola, mas o lar – o professor tem de se esforçar para se manter presente por meio de um ensino a distância que possa dar alguma continuidade à aprendizagem a partir de onde o processo foi interrompido, sempre levando em consideração que a criança está em ambiente totalmente diferente do ambiente escolar, e frequentemente inadequado para a realização de atividades escolares.

O especialista em Educação e coordenador do mestrado em Educação da Universidade de Brasília, Francisco José Rengifo-Herrera, em entrevista para o Correio Brasiliense diz que: “a educação é o pilar no desenvolvimento da sociedade”. Diante disso, a alfabetização tem um

papel fundamental no desenvolvimento das crianças nos diversos pilares que compõe a nossa estrutura social, principalmente na vida educacional dos alunos em processo de alfabetização<sup>16</sup>. De acordo com Francisco José Rengifo-Herrera:

Temos de relacionar o futuro com a alfabetização. Muitas crianças que vão iniciar (pós-pandemia) na escola deverão ter um mínimo de garantias de se engajar e de aprender a ler. Se não garantirmos isso, além do impacto severo que a pandemia trouxe, teremos o impacto de não ter respondido à altura com modelos que permitam processos efetivos, eficientes e competentes para aprender a ler.

Dentro do processo de alfabetização precisa ser inserido o letramento, que apesar de serem processos distintos precisam dialogar para auxiliar o aluno nas diversas possibilidades, interpretações, habilidades e competências durante o processo de alfabetização, letramento e das interações sociais. Magda Soares (2020a, p.27) afirma que alfabetização e letramento são:

Processos cognitivos e linguístico distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização – a aquisição da tecnologia da escrita – não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção d textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita.

Portanto, é imprescindível e significativo alfabetizar e letrar as crianças ao mesmo tempo, apesar de conceitos e processos diferentes, a alfabetização e o letramento são especificidades importantes para as crianças que estão em pleno desenvolvimento da leitura, escrita e interpretações das relações que estão a sua volta através das relações de interações e socializações, tanto no contexto social e educacional. Por isso, os professores precisam promover atividades e projetos que levem em consideração a diversidade textual que permeiam os contextos sociais dos alunos na alfabetização e em todos os segmentos do sistema educacional. Em entrevista fornecida ao Correio Brasiliense, Thaiane Pereira<sup>17</sup>, coordenadora de projetos do *Todos pela Educação*, afirma o processo de alfabetização sofreu muito durante a pandemia do COVID-19:

Com a pandemia, assim como todas as outras etapas escolares, a alfabetização também sofreu muito, e o processo de alfabetização depende muito da interação entre professor e aluno”, (...) “Previamente a desigualdade já era muito presente no sistema educacional. A pandemia reforçou o quanto a gente ainda tem essas lacunas

<sup>16</sup> CORREIO BRAZILIENSE. [Pandemia atinge alfabetização; especialistas alertam para novo modelo.](#)

<sup>17</sup> CORREIO BRAZILIENSE. [Pandemia atinge alfabetização; especialistas alertam para novo modelo.](#)

entre os alunos dentro do sistema educacional. O quanto alguns alunos têm muito mais vantagens por terem nascido no CEP X ou Y.

Quando as crianças passam a frequentar a escola, chegam ao ambiente escolar com vários conhecimentos trazidos dos contextos sociais que elas fazem parte, por isso o processo de alfabetização, sobretudo, o processo de leitura e escrita cumprem também um papel social na formação e desenvolvimento das crianças. Porém, o afastamento social interrompeu as socializações e trocas de conhecimentos entre professores e alunos tão necessária para o desenvolvimento da oralidade e da escrita na alfabetização das crianças.

A atual pandemia veio acrescentar novos desafios, afastando as crianças das escolas e das alfabetizadoras na fase fundamental do processo de escolarização. Por um lado, foi interrompido o processo de alfabetização no início do período em que a interação alfabetizadora-criança é indispensável, pois a aprendizagem do sistema de escrita alfabética depende da compreensão bem orientada das relações oralidade-escrita. Por outro lado, o afastamento das crianças da escola interrompe um processo apenas iniciado de escolarização, em que a criança começa a se inserir na “cultura escolar”. (SOARES, 2020b)

Pensar o processo de alfabetização e o letramento em tempo de pandemia fez com que o professor desenvolvesse novos recursos pedagógicos que o ajudasse na prática diária da alfabetização nesse novo cenário que nos impõe mudanças na rotina escolar e transformações das aulas conteudistas, que estão centradas somente no conteúdo e na execução do planejamento, tendo como maiores aliados os pais ou responsáveis nesse processo de alfabetização com aulas não presenciais. Ainda segundo Magda Soares (2020b) em entrevista para a revista *Futura & Educação*:

O sistema alfabético de escrita é um artefato cultural complexo que a humanidade levou milhares de anos para inventar, a criança precisa, de certa forma, “reinventá-lo”, e isso acontece ao longo de seu desenvolvimento cognitivo e linguístico. O alfabetizador precisa conhecer bem o sistema de representação de fonemas em grafemas, acompanhar as possibilidades das crianças de compreender esse sistema complexo e bastante abstrato respeitando seu progressivo desenvolvimento cognitivo e linguístico, para assim poder orientar o processo de aprendizagem das crianças.

Frente ao quadro pandêmico que estamos vivendo, a educação passou por reformulações necessárias, porém ainda não conseguir alcançar todos os alunos de forma igualitária, mas o professor não pode deixar de ter um olhar sensível para as devolutivas dos alunos com relação ao que eles estão desenvolvendo nas aulas remotas, sobretudo, no processo de alfabetização. De acordo com Patrícia Corsino (2007, p. 57):

O olhar sensível para as produções infantis permitirá conhecer os interesses das crianças, os conhecimentos que estão sendo apropriados por elas, assim como os elementos culturais do grupo social em que estão imersas. A partir daí, será possível desenvolver um trabalho pedagógico em que a criança esteja em foco.

O olhar do professor/alfabetizador precisa ser focado na criança e nas relações sociais que compõem a identidade desse aluno. A alfabetização em tempo de pandemia aflorou a necessidade de respeitar a singularidade, as interações e socializações das crianças, como um caminho necessário para o desenvolvimento das habilidades e competências necessárias para o processo de alfabetização e letramento dos alunos da rede pública e privada, respeitando as especificidades de cada criança e as realidades socioculturais que estão a sua volta. Em entrevista à Nova Escola a professora Rute Neves<sup>18</sup> relatou a dificuldade dos alunos assistiram aula por conta da internet: “nem todos os alunos têm internet e quando têm é de péssima qualidade porque é via rádio, o que deixa ainda mais lenta, (...) Quando o dia está nublado, a internet já ‘buga’, como dizem meus alunos”.

A alfabetização em tempo de pandemia requer cuidados específicos para conseguir alcançar as demandas impostas pelo ensino remoto. As crianças que moram na zona rural têm direito também a educação de qualidade e ter garantido o direito de escolarização no ensino não presencial. A professora Rute Neves possui 10 alunos no processo de alfabetização, entretanto, um aluno não possui acesso à internet, mostrando como é desafiador para os professores e alunos o ensino remoto, principalmente para àqueles alunos que necessitam ser alfabetizados. Com relação às atividades e o acesso desse aluno sem internet a professora Rute Neves relatou:

Para os outros alunos, envio as atividades pelo WhatsApp e passei a fazer aulas ao vivo pelo Zoom à noite, porque é o horário que as famílias já chegaram do trabalho”, conta. No entanto, esse único aluno, que não tinha internet em casa, passou a ir até a residência de uma tia para usar o celular emprestado e participar da aula.

Portanto, alfabetizar durante o ensino remoto foi muito desafiador e requer estratégias eficientes que consigam alcançar todas as crianças independentes dos contextos sociais que estão inseridas, por isso alguns autores trazem como possibilidade a pedagogia dos multiletramentos:

Diferente do conceito de letramento(múltiplos), que não faz senão apontar para as multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de multiletramentos – é bom enfatizar - aponta para dois tipos

---

<sup>18</sup> NOVA ESCOLA. [Escolas rurais: conheça os desafios e relatos durante o ensino remoto.](#)

específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de construção dos textos por meio dos quais ela se informa e comunica. (ROJO, 2012, p. 13)

A abordagem dos multiletramentos permite ao professor auxiliar seus alunos no processo de alfabetização, preparando-os para a vida em sociedade e ampliando significativamente o uso de novas tecnologias no aprendizado dos alunos na sala de aula. (ROJO, 2012). Portanto, é necessário levar para os contextos educacionais (que nesse momento de pandemia passou a ser a casa onde os alunos residem), no ensino remoto, recursos pedagógicos que auxiliem no processo de alfabetização de forma que considere o tempo e o desenvolvimento dos alunos em um ano atípico para todos os envolvidos no ambiente escolar, principalmente para os professores e alunos no processo de alfabetização. De acordo com Magda Soares, em entrevista à revista Futura & Educação:

A pandemia, obrigando ao ensino a distância, tem incentivado o uso de recursos tecnológicos quando disponíveis, e tem estimulado professores a criar atividades que podem não só substituir sua interação direta com os alunos, mas também enriquecer, quando voltarmos ao “normal”, seu ensino presencial – acredito que o ensino a distância esteja promovendo, de alguma forma, o desenvolvimento profissional dos professores. (SOARES, 2020b)

Portanto, o professor alfabetizador tem a oportunidade de inovar as ferramentas pedagógicas para auxiliar os alunos no processo de alfabetização durante o ensino remoto com aulas não presenciais e depois que o período de afastamento social terminar ampliar esses recursos para as aulas presenciais.

### 3.1 AS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS FRENTE AOS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO

Diante dos desafios enfrentados por conta da pandemia do COVID19, garantir o direito à educação das crianças é fundamental no processo de desenvolvimento das habilidades e competências, principalmente durante o processo de alfabetização. Em meio às adequações nos contextos educacionais, que passaram a ofertar o ensino remoto como estratégia pedagógica, o processo de alfabetização é muito desafiador com suas particularidades, pois cada aluno tem seu tempo de desenvolvimento, entretanto, na pandemia ficou ainda mais complexo. Por ser tão desafiadora a alfabetização no ensino remoto, a

participação das famílias nesse processo é essencial, porém a escola precisa orientar as famílias de forma adequada, auxiliando na rotina de aprendizagem dos alunos.

É importante e necessário que o professor (a) durante o ensino remoto no processo de alfabetização possa repensar as práticas pedagógicas cheias de conteúdo para serem aplicados e finalizados na aula remota, pois cada aluno tem um tempo de desenvolvimento, considerando o momento em que cada aluno está vivendo, pois nem todos os alunos tem um familiar para orientar no momento da sala e nem internet de qualidade para acessar as aulas de forma eficiente. Cabe ao professor também mediar essas relações de conflitos existentes no ensino remoto, e ajudar os alunos (as) nessa adaptação, por isso, levar para sala de aula práticas motivadoras no desenvolvimento das habilidades e competências dos alunos no processo de alfabetização é fundamental para diminuir os desafios impostos com a pandemia do COVID19.

É fundamental reconhecer o esforço do professor em alfabetizar no ensino remoto através das plataformas digitais, tendo em vista os diversos desafios impostos à educação e a prática pedagógica. Ratificamos a necessidade de formação informação e conhecimento de como operar as plataformas digitais tanto para os professores, alunos e para os pais ou responsáveis. Porém, as professoras alfabetizadoras precisaram repensar essa prática conteudista e metódica e colocar os alunos como foco das aulas e considerar a gama de conhecimentos que os alunos levam para a sala de aula de acordo com as diversas relações culturais, sociais e familiares que os alunos vivenciam. Na fase pós-pandemia, é fundamental unir esforços para ultrapassar o ensino baseado na transmissão, no falar-ditar do mestre (SILVA, 2002).

Não podemos esquecer que os alunos são protagonistas na construção e trocas de conhecimento durante todo o percurso de escolarização, trazendo um destaque para o processo de alfabetização e letramento. De acordo com Patrícia Corsino (2007, p. 62):

É importante que o(a) professor(a) pense nas crianças como sujeitos ativos que participam e intervêm no que acontece ao seu redor porque suas ações são também forma de reelaboração e de recriação do mundo. Nos seus processos interativos, a criança não apenas recebe, mas também cria e transforma – é constituída na cultura e também é produtora de cultura.

Mesmo no ensino remoto com todos os desafios impostos: falta de equipamentos tecnológicos, baixa qualidade ou falta de internet, falta de habilidade para lidar com as plataformas digitais, a falta de participação da família na escolarização das crianças, falta de apoio da gestão escolar e dos pedagogos para auxiliar nas aulas remotas, falta de um lugar

apropriado para ministração e gravação das aulas on-line, entre outros desafios, não podemos perder de vista que os alunos precisam ser sujeitos ativos e atuantes nas trocas de conhecimentos no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, a alfabetização das crianças precisa ser garantida com qualidade mesmo no formato remoto, cabendo ao professor garantir práticas pedagógicas que correspondam às necessidades dos alunos no processo de alfabetização e letramento. Para essas crianças é que uma aprendizagem de qualidade, e não só da alfabetização, é essencial para que tenham condições avançar na escolarização, de lutar por condições mais justas neste país tão marcado por discriminações sociais. Elas têm o direito a um nível de escolaridade que lhes permita prosseguir no processo de escolarização, adquirir uma profissão, ser reconhecidas e respeitadas no meio social privilegiado.

Cabe ressaltar o esforço dos professores em garantir a escolarização dos alunos, principalmente dos alunos que estão sendo alfabetizados durante o ensino remoto. conforme afirma a professora Xênia Mara Honório, em entrevista ao Correio Braziliense<sup>19</sup>:

Os docentes estão investindo na própria formação, reinventando as práticas pedagógicas, reorganizando o planejamento e superando expectativas no que se refere à oferta de atividades educacionais adaptadas ao contexto atual. Certamente, estes serão profissionais fundamentais na reconstrução educacional do país após o período de pandemia.

Ainda existe outro desafio para o professor da educação básica, sobretudo, o professor do 1º ao 3º ano do ensino fundamental, que é a participação da família nesse processo, que muitas vezes não pode participar e auxiliar os alunos durante as aulas não presenciais, pois precisam trabalhar para sustentar a família. Nessa perspectiva, é necessário pensar nas devolutivas das atividades programadas como parte do desenvolvimento dos alunos matriculados no ano letivo de 2020 e encontrar estratégias para sanar as dificuldades dos alunos. Percebemos a importância da parceria entre escola e família no desenvolvimento das crianças durante a escolarização, sobretudo, na alfabetização. De acordo com a pesquisa realizada com professores da educação básica nos anos iniciais é possível perceber a inquietação dos professores com relação à devolutiva das atividades propostas nas aulas remotas.

Alice Junqueira, coordenadora de projetos do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC) afirma “que os familiares e responsáveis, ainda que com limitações, estão dedicando tempo e investindo recursos para ajudarem na

---

<sup>19</sup> CORREIO BRAZILIENSE. [Pandemia atinge alfabetização; especialistas alertam para novo modelo.](#)

aprendizagem dos filhos”. Seu relato é complementado pela pesquisa publicada na revista Nova Escola, na edição de 20/07/2020<sup>20</sup>:

Segundo a pesquisa [A situação dos professores no Brasil durante a pandemia](#), realizada entre os dias 16 e 28 de maio, 31,9% dos docentes afirmam que a maioria dos pais e responsáveis tem participado das atividades a distância. Na rede privada, a participação familiar é de 58%. Na rede pública, é de 36%. “O índice não é baixo e revela interesse das famílias pela Educação dos filhos, mesmo numa situação tão incomum, na qual as famílias enfrentam desafios de toda ordem para sobreviver e manter os filhos aprendendo.

Diante disso, os professores foram desafiados a pensar em estratégias que possibilitassem o acompanhamento das atividades proposta durante o ensino remoto. Vale salientar, que os professores também são limitados no que se refere à recursos pedagógicos para aplicar nas aulas on-line, pois possuem também dificuldade no acesso à internet, limitações no acompanhamento do processo de alfabetização, horas excessivas de trabalho e dificuldade com a participação dos pais ou responsáveis nas aulas on-line ou no desenvolvimento das atividades programadas.

### 3.2 DESAFIOS DE ALFABETIZAR NO ENSINO REMOTO

Uma das professoras que participou da nossa pesquisa, que denominaremos de Professora D. relatou no questionário que o maior desafio para alfabetizar em formato remoto foi *acompanhar os alunos nas atividades, e avaliar sua evolução de aprendizagem, uns têm computador em casa outros não, material concreto para os alunos como livros, classificadores, diários, lápis, canetas, tudo agora têm que ser digitado*. Um dos desafios enfrentados pelos professores na alfabetização no formato remoto foi não poder acompanhar os alunos nas atividades propostas. Com esse novo cenário na educação o distanciamento do professor(ar) alfabetizador(ar) dos alunos prejudicou essa interação tão importante no processo de alfabetização, pois essa socialização ajuda no desenvolvimento da oralidade e da escrita dos alunos. Deste modo, é perceptível, de acordo com Magda Soares (2020b), que “a atual pandemia afastou as crianças das escolas e das alfabetizadoras na fase fundamental do processo de escolarização”.

O acompanhamento das atividades propostas durante o ensino remoto foi desafiador para os professores da educação básica, sobretudo, para os professores que estão

---

<sup>20</sup> NOVA ESCOLA. [Da pandemia, nasce uma nova relação entre escola e família](#).

alfabetizando os alunos nos anos iniciais do ensino fundamental. De acordo com a pesquisa que realizamos 56,8% dos professores conseguiram acompanhar parcialmente as atividades enviadas para casa, 21,6% conseguiu acompanhar totalmente, 21,6% não conseguiu acompanhar as atividades propostas durante o ensino remoto do ano letivo de 2020. Diante desses dados, podemos destacar os efeitos da separação do professor e aluno com relação as trocas de aprendizagem e auxílios necessários no processo de alfabetização e em todos os anos da educação básica. Esse afastamento necessário ocasionou consequências no ensino-aprendizagem, que serão sentidos nos anos subsequentes à pandemia do COVID 19.

Com essa interrupção a relação professor e aluno sofreu modificações significativas, considerando que o ambiente para promover tais trocas e interações foi mudado sem sequer ter um diálogo para discutir as regras e limitações desse novo espaço de aprendizagem, que muitas vezes não são adequados e propícios para promover e auxiliar na aprendizagem e desenvolvimento das crianças no processo de alfabetização, as famílias também não foram preparadas para ter em suas casas uma sala de aula improvisada para dar conta da escolarização dos seus filhos durante o ensino remoto . De acordo com a professora que respondeu a pesquisa, com o distanciamento, ficou inviável alguns procedimentos para a alfabetização e a relação de afetividade e confiabilidade entre professor e aluno foi afetada de alguma forma:

*Em meio ao distanciamento em que nos encontramos, ficou inviável o desenvolvimento de algumas práticas de alfabetização. Diferentemente do ensino presencial, as maiores limitações estão em torno do contato direto com os avanços dos estudantes, o que dificulta a avaliação das aprendizagens construídas ao longo do percurso escolar. As orientações sobre os procedimentos de resoluções de questões, a relação de afetividade como elemento que passa segurança e confiabilidade do estudante para com o professor e vice-versa bem como as estratégias de ensino usadas presencialmente tornaram-se os principais desafios.*

Outro desafio do ensino remoto é o acesso a internet no processo de alfabetização dos alunos, apontando para as diversas desigualdades que estão presentes no contexto escola. Na entrevista em 01 de julho de 2020, à revista Nova Escola, a professora Rute Neves relata sobre a falta de internet para os alunos: ”nem todos os alunos têm internet e quando têm é de péssima qualidade porque é via rádio, o que deixa ainda mais lenta. (...). Quando o dia está nublado, a internet já ‘buga’”.

O ensino remoto mostrou como as crianças em situação de vulnerabilidade vêm sofrendo impactos educacionais significativos que foram aflorados com o distanciamento social necessário por conta do COVID 19. A falta de acesso à internet impossibilitou a

igualdade de formação e desenvolvimento das habilidades necessárias para uma alfabetização de qualidade para as crianças que estão matriculadas na rede pública de ensino.

### 3.3 DESAFIOS DOS PAIS E ALUNOS NA ALFABETIZAÇÃO NO FORMATO REMOTO

Com a pandemia do COVID19 as escolas fecharam, suspendendo as aulas presenciais para evitar a contaminação dos alunos, professores e todos os funcionários da escola. O afastamento social foi um ato necessário em respeito à saúde de todos os envolvidos no contexto escolar e no mundo. Com todas as demandas impostas no ensino remoto os pais ou familiares acabaram sendo responsáveis pela escolarização dos filhos durante as aulas não presenciais. São muitos os desafios enfrentados, tanto por professores, alunos, familiares de alunos no apoio das atividades no formato remoto. Muitos pais não têm conhecimentos pedagógicos para ensinar e auxiliar os filhos na aula-online ou ajudar nos cronogramas de atividades, por isso ficam sem saber como dar uma assistência aos filhos. De acordo com a professora Tatiana Poletto, em entrevista na revista Nova Escola, em 08 de julho de 2020<sup>21</sup> os pais tentam ser atuantes e participativos:

Na medida do possível, tanto os pais da rede pública quanto os da particular, tentam ser atuantes e participativos, (...) Em ambos os casos, foram criados grupos de WhatsApp para facilitar a interação escola-família. Mas, no caso dos alunos da rede pública, a comunicação on-line é um pouco mais difícil por falta de internet mesmo. Às vezes, a conexão cai. Outras vezes, o pacote acaba. Há todo esse inconveniente.

Diante da fala da professora Tatiana Poletto, podemos perceber as desigualdades que estão sendo postas nos espaços escolares durante no ensino remoto. As diferenças sociais existentes nas escolas são gritantes: crianças sem acesso a internet, sem equipamentos para acompanhar as aulas tornando os recursos pedagógicos inviáveis em alguns lares, dificultando o bom desenvolvimento das crianças durante o ano letivo na pandemia, principalmente os alunos que estão no processo de alfabetização, que é tão essencial para o ensino-aprendizagem dos alunos durante todo o seu percurso de escolarização na educação básica. Os professores relataram na pesquisa que a participação dos alunos nas aulas on-line diminuiu drasticamente.

---

<sup>21</sup> NOVA ESCOLA. [Da pandemia, nasce uma nova relação entre escola e família.](#)

Além da dificuldade de fazer o papel do(a) professor (a) os pais ainda precisam lidar com as questões tecnológicas, com a falta de preparo para entender as especificidade e habilidades para cada ano da educação básica, e isso se potencializa na alfabetização das crianças, que estão envoltas no processo de alfabetização e letramento, onde os recursos lúdicos são necessários, a oralidade e os conhecimentos específicos da alfabetização são importantes nesse processo de transição da educação infantil para a educação fundamental nos anos iniciais. Para Vygotsky (apud CORSINO, 2007):

o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento e põe em movimento vários processos que, de outra forma, não aconteceriam. Para o autor, o desenvolvimento do indivíduo está diretamente ligado à sua relação com o ambiente sociocultural e o papel social do outro é de fundamental importância, uma vez que o indivíduo aprende e se desenvolve a partir do convívio com os outros de sua espécie.

É necessário estabelecer uma rotina, a criança precisa ter os horários das aulas estabelecidas e para a realização das atividades propostas no ensino remoto. Outro desafio para os pais e responsáveis que é conciliar um tempo em que estão em casa para auxiliar as crianças nas atividades proposta durante as aulas on-line e nas atividades programadas pelos professores quinzenalmente ou semanalmente de acordo com o planejamento escolar. Vale ressaltar, que as famílias não foram preparadas para lidar com essa nova demanda da educação: ensinar seus filhos em casa. Podemos ainda destacar a relação da família com a escola. Em entrevista a revista Nova escola em 08/07/2020<sup>22</sup> a professora Jane Ravagnani relatou sobre a relação da família com a escola em relação à realização das atividades feitas em casa por meio do ensino remoto:

O retorno foi maravilhoso. Fiquei emocionada ao saber que teve mãe que costurou a ‘cortinha’ da sala com retalhos de pano (...). Mais do que trabalhar o vocabulário em inglês, como ‘living room’, ‘bathroom’ e ‘kitchen’, proporcionei às minhas turmas um momento de confraternização familiar. Pais e filhos sentaram juntos para fazer a tarefa escolar.

Os pais ou responsáveis precisam também de ajuda da escola ou professores para aprender a lidar com as ferramentas digitais e um auxílio para resolver as questões propostas nas atividades programadas. Vale ressaltar que os pais não são professores e muitas vezes não passaram pelo processo de escolarização, por conta dessas questões acabaram também tendo dificuldade em orientar os filhos durante as aulas não presenciais. De acordo com Magda Soares (2020b): “cresce ainda a responsabilidade do professor de não só orientar à distância a

<sup>22</sup> NOVA ESCOLA. [Da pandemia, nasce uma nova relação entre escola e família.](#)

criança, mas também orientar a família, para dar a ela condições que deem apoio à criança neste contexto excepcional que estamos vivendo”.

As famílias também foram impactadas com as mudanças no sistema educacional, que não podem ser culpadas por não acompanhar e orientar os filhos nas atividades, pois os contextos sociais, culturais e familiares são diferentes e precisam ser respeitados, cada um com suas especificidades em lidar com as aulas não presenciais em tempo pandêmico. Vale ressaltar que os pais não foram orientados de como lidar com essa nova realidade educacional que foi imposta por conta do afastamento social necessário para evitar a disseminação do vírus do COVID 19.

Diante das demandas impostas por não ter as portas das escolas abertas para ofertas filhos uma educação de qualidade, principalmente no processo de alfabetização os pais se viram no papel do professor com a responsabilidade de ensinar aos filhos e sanar as dúvidas com relação aos assuntos planejados para o ano letivo de 2020. Mesmo as famílias tendo a obrigação de participar da vida educacional dos filhos, não podem ser responsáveis pelo processo de escolarização das crianças matriculadas nas escolas. Contudo, esse momento de ressignificação na educação, é possível que a relação entre família e escola se fortaleça quando as aulas presenciais retornarem, pois é possível notar a importância do professor no ensino-aprendizagem dos alunos e como a ausência impossibilita uma educação de qualidade para os alunos das escolas públicas durante a escolarização.

### 3.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Nossa pesquisa desenvolveu-se por meio de questionários através da plataforma do Google forms e pelo e-mail, sobre o tema: O ensino na Pandemia do COVID 19 no ano de 2020, com professores da educação básica nos anos iniciais do ensino fundamental de algumas escolas públicas e particulares do Recôncavo Baiano e cidades vizinhas. Recebemos no total 48 questionários, desses 37 eram de escolas públicas e 11 de escolas particulares. Para preservar a identidade das professoras respondentes adotaremos apenas a nomenclatura Professora, seguida de uma letra correspondente. Mostraremos alguns dados colhidos nos questionários que deram base para apresentação dos dados da pesquisa.

O primeiro dos relatos é da Professora A trabalhou em período integral na rede municipal de ensino de um município que não foi identificado durante o ano letivo de 2020. Realizou as atividades programadas não presenciais que os pais ou responsáveis pegavam

mensalmente na escola ou pelo Instagram. A Professora A possuía dois equipamentos tecnológicos para ajudar no planejamento das aulas no ensino remoto e afirma que recebeu uma formação por parte da escola para ajudar os professores com relação à ansiedade causada pela pandemia do COVID 19. Segundo ela tinha facilidade para lidar com as ferramentas digitais, porém não tinha experiência em ministrar aulas não presenciais.

A Professora A firmou que no ano de 2020 não conseguiu acompanhar totalmente os alunos no desenvolvimento das atividades programadas, pois os alunos não se sentiam motivados para realizar tais atividades, diminuindo drasticamente a participação dos alunos nas atividades. De acordo com seu relato, os conteúdos trabalhados no ensino remoto precisarão ser retomados parcialmente no retorno das aulas presenciais, além disso, *a muitos alunos da turma não foram garantidas as bases da alfabetização. As habilidades de leitura e escrita ainda não foram desenvolvidas, o que requer um trabalho específico.*

A Professora B tem entre 30 a 39 anos trabalhou com o 2º e 3º na rede municipal de ensino de São Francisco do Conde e Bom Jesus dos Pobres. No ano letivo de 2020 realizou atividades não presenciais com as turmas, enviando atividades programadas para casa. Afirma que utilizou o celular como recurso tecnológico para ministrar suas aulas, entretanto, precisou dividir esse equipamento com outros membros da família. A Professora B não possuía experiência em ministrar aulas não presenciais e apresentou dificuldade em lidar com as tecnologias digitais.

*(...) não recebi nenhum tipo de formação em 2020 (...) as atividades eram realizadas durante as aulas, preferivelmente, afim de promover uma avaliação precisa por meio de uma didática com intervenções. (...) Um dos principais objetivos era criar uma rotina de estudos para entreter os educandos nas aulas planejadas, utilizando recursos acessíveis e de reciclagem para a confecção de jogos e dinâmicas. As produções também foram feitas com as famílias, que compreendeu a sua importância durante o processo. A participação dos alunos nas produções e propostas, foram de grande importância. Algumas sugestões foram apresentadas para que os alunos desenvolvessem a autonomia e o compromisso. Dessa forma, eram cobrados a darem o retorno. As famílias auxiliaram e participaram das ações.*

Quanto à participação dos alunos nas atividades proposta, a professora afirma que diminuiu um pouco, pois tiveram (...) *alguns empecilhos. Alguns alunos se ausentaram por questões pessoais e em alguns casos, a falta de assistência ou mesmo, do recurso tecnológico dificultaram a dinâmica das aulas.* A principal causa de diminuição dessa participação se deu porque os alunos não tiveram acesso à internet e aos demais recursos necessários.

Com relação ao processo de alfabetização a Professora B destaca que não foi possível alfabetizar os alunos no sistema remoto de ensino:

*Não foi possível, infelizmente. Tivemos e ainda iremos enfrentar grandes dificuldades. É um desafio ministrar aulas remotas [...] Considero que o processo de alfabetização é um passo a passo que deve ser priorizado de maneira cuidadosa, considerando as aptidões e perfis de cada aluno, pois sabemos que cada um aprende de maneira diferente. Alguns já estavam num nível significativo e puderam alcançar ainda mais, porém àqueles que têm alguma dificuldade necessitam de intervenções e auxílios.*

A Professora C tem entre 50 a 59 anos e ministrou aulas online em meio período em uma turma de 2º ano de uma escola municipal de Salvador. Seus principais recursos para ministrar aula foi através do notebook e do celular. Afirma que não possuía experiência com essa modalidade de ensino e, apesar de não receber da secretaria de educação qualquer tipo de formação, considerou regular o grau de dificuldade para lidar com essas ferramentas. Outra estratégia didática adotada pela docente foi pelo envio de atividades para casa que eram encaminhadas semanalmente e retiradas na escola por um adulto responsável pela criança.

Conforme relata, foi possível acompanhar parcialmente a realização das atividades enviadas para casa, por conseguinte diminuiu um pouco a participação dos alunos. Para ela isso se deu por alguns fatores: os alunos não se sentiam motivados para realizar as atividades, uma vez que não conseguiram utilizar os recursos tecnológicos para acompanhar as aulas e/ou não tiveram acesso à internet e aos demais recursos necessários, também porque as famílias não conseguiram auxiliar os alunos para a realização das atividades.

Quanto à possibilidade de alfabetizar as crianças através do ensino remoto a professora afirmou o seguinte:

*Atuava na turma como professora P2(leccionava Estudo da Sociedade e da Natureza) e tive que assumir a turma pelo afastamento da professora titular então não tinha um diagnóstico individual com relação a leitura e escrita efetiva dos alunos. Mas acredito que alcancei o esperado para um momento tão delicado que foi exatamente acolher e manter um diálogo constante com os alunos e suas famílias, para que se sentissem motivados e com sentimento de que eram assistidos e deu certo porque mesmo deficiente sem totalidade muitos alunos desenvolveram a leitura de pequenos textos enviados pelo grupo de whatsapp, o qual mantenho até hoje. Quanto a escrita não posso responder se alcançaram algum resultado porque não tive ainda acesso as atividades escritas que receberam.*

No entanto, em relação à retomada dos conteúdos trabalhados no retorno das aulas presenciais, considera que deverão ser trabalhados integralmente, pois a maioria não conseguiu se alfabetizar.

A Professora D tem entre 40 a 49 anos de idade e também atuou numa turma de 2º ano em uma escola municipal de Dias D'Ávila. Como principal recurso para ministrar suas aulas fez uso do computador e enviando atividades para casa. Antes de começar a dar aula neste

formato, afirma que possuía pouca experiência e, mesmo não tendo recebido qualquer tipo de formação, considerou regular o grau de dificuldade.

As atividades eram enviadas mensalmente para casa, um adulto responsável pegava na escola, porém, considera que conseguiu acompanhar parcialmente a realização das atividades, o que fez com que diminuísse drasticamente o desempenho dos alunos. Esse fator se deu principalmente porque as famílias não conseguiram auxiliar os alunos para a realização das atividades e pelo fato de os alunos não se sentirem motivados para realizar as atividades.

Quando questionada em relação aos maiores desafios em alfabetizar em formato remoto considera que:

*Nesse modelo as dificuldades tem sido; 1- Não ter a garantia de que os orientadores, (pessoa responsável pela criança) tenha de fato ajudado as crianças de forma lúdica. 2- Muitos pais não tiveram acesso a esse modelo de ensino. 3- As atividades são únicas para o município, portanto, não atende as crianças com suas especificidades. 4- Muitos dos responsáveis não devolvem as atividades quando vão retirar a próxima, como rege o decreto anexado frente a cada caderno.*

Quando questionada sobre as condições de alfabetizar no formato remoto a professora é categórica em dizer que a maioria não conseguiu se alfabetizar, pois, *por mais lúdica que sejam as atividades remotas, as crianças precisam vivenciar esses momentos lúdicos porque elas aprendem no experimento e no faz de conta estimulando a criatividade culminando em aprendizagem.*

Em relação às maiores dificuldades enfrentadas pelos alunos no ensino remoto ela afirma ser:

*Difícil responder essa questão, porque no meu caso, percebi que aqueles alunos com o apoio e acompanhamento da família conseguem apresentar um rendimento bom, mais próximo do esperado. Isso é minoria. Difícil falar da maioria, mesmo porque não temos esse retorno dos responsáveis nem temos contato com essas crianças.*

A Professora E também se encontra na faixa etária dos 40 a 49 anos atuando num segundo ano da rede municipal de ensino de São Francisco do Conde. Seus principais recursos para a realização das atividades docente eram o notebook e celular, bem como enviava atividades para casa quinzenalmente que eram retiradas na escola por um adulto responsável pelo aluno. Também não recebeu qualquer tipo de formação para lidar com as tecnologias digitais e, mesmo não possuindo experiência, considerou regular o domínio das ferramentas. O maior desafio foi *preparar tanto os alunos e a família a se adequarem as*

*novas propostas de ensino, mediante ao uso da tecnologia, mediante as atividades desenvolvidas por nós professores.*

Para ela foi possível acompanhar parcialmente o desempenho dos alunos, que diminuiu em relação às aulas presenciais, pois o principal fator se deu porque as famílias não conseguiram auxiliar os alunos para a realização das atividades. Para ela foi difícil *acompanhar os alunos nas atividades, e avaliar sua evolução de aprendizagem, uns têm computador em casa outros não, material concreto para os alunos como livros, classificadores, diários, lápis, canetas, cadernos, tudo agora têm que ser digitado.*

Por conseguinte, considera que os conteúdos deverão ser trabalhados integralmente no retorno das aulas presenciais, pois:

*Não foi possível alfabetizar as crianças através do ensino remoto, as aulas presenciais são fundamentais no processo de aprendizagem dos alunos. Pois, a Pandemia que assola nosso país e o mundo veio em uma velocidade intensa, que nós professores tivemos que “abandonar” as salas de aula e tentar se adaptar ao modelo de aulas remotas, que foi me lançado um desafio, para manter um ritmo pedagógico de aulas diferente, sou professora a quinze anos e nunca pensei que iria me deparar com essa situação.*

Outra professora que participou do nosso questionário foi a Professora F que tem entre 50 a 59 anos de idade. Em 2020 atuou num 2º ano de uma escola municipal de Ipirá, trabalhou meio período. Durante o ensino remoto realizou atividades de trabalho não presenciais (a distância) com os alunos, enviando atividades programadas para casa. Para ministrar as aulas não presenciais usou como recurso pedagógico o celular e, de acordo com a professora, lidar com os ferramentais digitais durante as aulas foi regular, mesmo não recebendo nenhum tipo de formação para uso das tecnologias digitais. Quanto à participação dos alunos nas atividades propostas a professora considera que diminuiu drasticamente. A professora relatou que um dos desafios em alfabetizar durante o ensino remoto foi o acesso à internet:

*Os maiores desafios está de fato, em acesso a internet, em que nem todos os alunos tinha uma boa internet ou muitos não tinham acesso, outros não demonstraram interesse em fazer atividades por falta de domínio das ferramentas, não conseguia interagir com os colegas e professores ou às vezes faltava o acompanhamento e incentivo da família ou responsável, também não tinha segurança em desenvolver atividades sozinho por isso não dava para retornar as atividades propostas.*

Por consequência foram prejudicados pela falta de internet e o impedimento das famílias em acompanhar as aulas on-line, por não possuírem aparelhos tecnológicos que

auxiliassem a escolarização das crianças no processo de alfabetização durante o ensino remoto.

Diante do exposto, a Professora F considera que não foi possível alfabetizar as crianças através do ensino remoto. Um processo tão importante na vida educacional dos alunos que estão cursando os anos correspondentes à alfabetização. Por este motivo ela relatou que

*no início foi muito desafiador procuramos meios para continuar com o ano letivo, veio a proposta de aulas remotas, assim formamos grupos de WhatsApp, mas alguns alunos não participavam não dava devolutiva das atividades solicitadas, foi uma experiência que não obteve muito resultado na aprendizagem dos educandos a qual lecionei, muitos tinham muito dificuldades com os meios tecnológicos que até mesmo acabou desistindo.*

A Professora F aponta os desafios enfrentados pelos alunos durante o ensino remoto para acompanhar as aulas não presenciais por conta do acesso à internet e a dificuldade dos pais ou responsáveis em acompanhar e auxiliar os filhos por falta de aparelhos eletrônicos que permitiam o acesso às aulas:

*A maior dificuldade esta na falta de acesso à internet, pois são alunos da zona rural, e muitos lugares não tem internet, e nem mesmo sinal de operadora de celular, também tem a dificuldade com o apoio das famílias ou responsável que não tem, muitos não tinham aparelho celular ou tablet, computador, e outros não conseguia expor suas dificuldades e também a falta do contato com outro e com professor.*

Outra professora que participou do questionário foi a Professora G, que também sinalizou a falta de acesso à internet para acompanhar as aulas remotas e durante as aulas não presenciais foi um problema para a escolarização dos alunos, sobretudo, para os que estavam no processo de alfabetização. Deste modo, a professora pontuou os desafios para alfabetizar no ensino remoto, elencando os recursos necessários para que o processo acontecesse de forma satisfatória: “*acesso a internet, computador, celular com memória. Ambiente tranquilo na casa. Alguém disponível que pudesse acompanhar as aulas junto ao aluno. E disciplina para acompanhar as aulas diariamente até ao final do ano letivo*”.

Assim notamos como foi desafiador para os alunos, pais e professores atender às demandas educacionais no ensino remoto durante a pandemia do COVID 19. Percebemos que o distanciamento social e a suspensão das aulas presenciais afetaram o desenvolvimento das crianças no processo de alfabetização e as relações entre professores e alunos foram impactadas de forma afetiva e educacional. Diante disso, a Professora H, sinalizou no

questionário a falta de mais estímulos para as crianças, que é tão importante no desenvolvimento das habilidades e competências dos alunos nos anos que correspondem à alfabetização: *Algumas crianças precisam de mais estímulos e devido ao distanciamento não foi possível.*

Diante dos desafios impostos nos sistemas educacionais, sobretudo, na sala de aula onde alfabetizar em formato remoto ocasionou diversas adaptações e modificações no ato de ensinar, a professora I relatou no questionário sobre a importância de alfabetizar de forma presencial os alunos: *Na minha opinião enquanto Professora penso que a alfabetização tem que acontecer de forma presencial. É na escola que acontece as observações e intervenções necessárias para auxiliar os alunos no processo de alfabetização. O contato com o professor a partir das práticas pedagógicas de alfabetização os alunos constroem aprendizados necessários para o bom desenvolvimento na alfabetização e letramento nos diversos segmentos educacionais, principalmente na alfabetização.*

A professora J destacou no questionário a dificuldade de usar os recursos pedagógicos que eram utilizados no ensino presencial, com a finalidade de desenvolver habilidades e competências necessárias para a alfabetização dos alunos. Um dos desafios destacados pela Professora J no ensino remoto foi *promover aos alunos o contato com o alfabeto móvel, instrumento pedagógico usado no ensino presencial, e que não foi disponibilizados aos alunos no ensino remoto: Usar métodos concretos no processo, como por exemplo o alfabeto móvel.* A questão da importância de ofertar atividades lúdicas no formato remoto, também foi apontada como um dos pré-requisitos para atrair as crianças, conforme relata a Professora H:

*(...) por mais lúdica que sejam as atividades remotas, as crianças precisam vivenciar esses momentos lúdicos porque elas aprendem no experimento e no faz de conta estimulando a criatividade culminando em aprendizagem. As atividades remotas oportunizam as crianças a terem momentos de estudo sem perder de vista o foco escola.*

A professora I tem entre 20 e 29 anos e lecionou no 1º ano de uma instituição de ensino privada. Para ela, dar aula no ensino remoto foi difícil, pois não tinha nenhuma experiência. No entanto, tinha acompanhamento diário da coordenação para preparar as videoaulas gravadas. Já as atividades eram enviadas por e-mail ou WhatsApp. Relata que a participação dos alunos diminuiu um pouco porque as famílias não conseguiam auxiliar as crianças na realização das atividades, pois o mais difícil era manter a parceria com as famílias. Quanto à pergunta se foi possível alfabetizar respondeu que: *Sim! Foi uma experiência desafiadora. Busquei envolver a família em todo processo. Propus atividades, jogos e*

*brincadeiras em que a criança e seus familiares exploravam a casa como lugar potencializador, dessa forma este processo de alfabetização continuava.*

A professora J tem entre 30 a 39 anos. Também lecionou num 1º ano de escola privada de município não identificado. Ela não possuía experiência em ministrar aulas no formato remoto, mas não achou muito difícil, apesar de não haver recebido qualquer tipo de formação da escola. As atividades eram enviadas mensalmente e as aulas eram dadas de forma online. Segundo ela, quando questionada sobre os maiores desafios, afirmou que “*algumas crianças precisam de mais estímulos e devido ao distanciamento não foi possível.* Por outro lado, considera que boa parte conseguiu se alfabetizar, pois *algumas crianças que acompanharam as aulas com frequência tiveram bom rendimento.*

O ensino remoto mostrou as desigualdades existentes entre o ensino público e privado. As oportunidades e possibilidades na utilização dos equipamentos tecnológicos não afetaram muito alunos da escola privada, porém os alunos das escolas públicas foram fortemente afetados pelas mudanças necessárias durante as aulas não presenciais, com o intuito de continuar a escolarização das crianças. Entretanto, podemos perceber um ponto em comum: as dificuldades e desafios em alfabetizar em tempo de pandemia através do ensino remoto. Portanto, será necessário pensar em estratégias que possam auxiliar as crianças no processo de alfabetização para garantir uma educação que atenda as especificidades de cada ano da educação básica, principalmente para os alunos em processo de alfabetização, tanto da rede pública como da privada.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia do COVID19 exigiu medidas de prevenção contra a propagação do vírus no mundo, ocasionando a suspensão das aulas presenciais nos contextos educacionais, passando desta forma, a atender os alunos no formato remoto. A adequação exigiu mudança no planejamento, nas estratégias e nos recursos pedagógicos para garantir o direito à educação das crianças na educação básica. Em meio às mudanças e as adequações educacionais é fundamental garantir o desenvolvimento das habilidades e competências dos alunos no processo de alfabetização.

Diante disso, o ensino remoto impôs uma nova rotina de trabalho para os docentes e para todos os envolvidos na educação. Os professores passaram a usar tecnologias digitais como instrumento pedagógico para as trocas de conhecimentos, socializações e interações entre alunos, professores e família. Os ferramentais digitais não eram muito acionados no ensino presencial, ocasionando alguns problemas e desafios na educação em tempos de pandemia. Porém, esses recursos trouxeram desafios para a atuação nos professores no ensino remoto, pois a maioria dos docentes não receberam formação para ministrar aulas no formato digital.

Ainda existem outros agravantes que influenciaram no ensino-aprendizagem das crianças no ensino fundamental nos anos iniciais com a mudança do ensino presencial para o remoto: o acesso à internet como garantia da escolarização dos alunos, principalmente daqueles alunos que estavam no processo de alfabetização, o acompanhamento dos pais ou responsáveis na aula remota, a devolutiva das atividades propostas nas aulas não presenciais, a dupla jornada de trabalho dos professores, a divisão ou a falta dos aparelhos tecnológicos para acompanhamento das aulas no formato remoto, a falta de habilidade dos pais ou responsáveis para orientar nas aulas e no processo de alfabetização dos filhos.

O processo de alfabetização é muito desafiador e específico com suas particularidades, pois cada aluno tem seu tempo e o momento para desenvolvimento das habilidades e competências para ser alfabetizado, entretanto, na pandemia do COVID 19 essa questão ficou ainda mais complexo. Por ser tão desafiadora a alfabetização no ensino remoto precisa ter a participação das famílias para potencializar as relações de socializações e interações tão necessária nesse processo de adaptação a nova rotina educacional, porém a escola precisa orientar os pais ou responsáveis como fazer o papel de mediador no ensino-aprendizagem para os alunos que estavam sendo alfabetizado durante o ensino remoto.

Diante das considerações feitas na pesquisa, é possível perceber como foi desafiador para os professores, pais e alunos lidar com as tecnologias digitais tão necessárias para o processo de escolarização dos alunos em tempo de pandemia do COVID 19, e também agregar essas ferramentas digitais como instrumento pedagógico no processo de alfabetização e letramento dos alunos dos anos iniciais da educação básica. A falta de formação também foi um ponto que causou dificuldades aos professores para manusear as novas ferramentas de trabalho no ensino remoto.

A partir da análise dos resultados da pesquisa notamos a importância da relação entre aluno e professor no ambiente escolar, sobretudo, na sala de aula. As trocas de conhecimentos, as interações e socializações ajudam no desenvolvimento das habilidades e competências necessárias para a formação do aluno no seu respectivo ano. A família também é uma peça essencial no processo escolarização dos estudantes, principalmente no processo de alfabetização, que auxilia na construção de identidades, pertencimento e desenvolvimento dos alunos, pois esse elo entre família e escola potencializa o ensino das crianças e auxilia nas dificuldades dos alunos no processo de alfabetização.

Portanto, alguns pontos de reflexão surgiram na análise dos resultados da pesquisa sobre a alfabetização através do ensino remoto: a importância da relação e da aproximação física entre professor e aluno, as práticas tradicionais e conteudistas ainda estão presente nas práticas pedagógicas da educação básica, principalmente na alfabetização, a falta de formação dos professores para lidar com as ferramentas digitais, as desigualdades presente no ambiente escolar, os desafios dos professores em ministrar aulas no formato remoto e os impactos educacionais nos contextos educacionais por conta do ensino remoto.

Diante das considerações feitas através desta pesquisa, é possível perceber os prejuízos educacionais sofridos pelos alunos que estão no processo de alfabetização na educação básica, pois a alfabetização é um momento único e importante para o ensino-aprendizados das crianças. Portanto, alfabetizar através do ensino remoto mostrou as várias necessidades que envolvem a alfabetização, tais como: a interação e socialização entre professor e aluno; o acompanhamento pelo professor das atividades propostas para auxiliar no desenvolvimento das habilidades e competências dos alunos; as trocas de conhecimento entre professor e aluno, como elo fundamental no processo de alfabetização, a participação da família no desenvolvimento das crianças; práticas pedagógicas em que o aluno seja o centro da construção do conhecimento e não depósito de conteúdos. Por isso, os professores alfabetizadores precisam aplicar recursos pedagógicos que estejam de acordo com a realidade

dos alunos durante as aulas remotas, os materiais reciclados são alternativas interessantes para construir instrumentos pedagógicos que auxiliem na alfabetização dos alunos, como por exemplo, o alfabeto móvel construído com papelão ou por outro material disponível na casa do aluno . A alfabetização precisa ser ressignificada no ensino remoto para que a educação de qualidade de fato aconteça no ensino não presencial.

Outro ponto desafiador para a alfabetização no ensino remoto no contexto da pandemia do COVID 19 foi o acesso dos alunos à rede de internet. A falta de internet para acessar as aulas ministradas de forma on-line, pelos professores, ou para os alunos das redes públicas de ensino acessarem as atividades programadas, foi um agravante que potencializou a precarização das condições de acesso às aulas não presenciais. A falta de tecnologia, sobretudo para os alunos da educação básica, mostrou como as desigualdades, presentes nos sistemas de ensino, escondem as mazelas sociais que acometem vários contextos familiares e sociais, prejudicando consideravelmente a escolarização dos alunos, principalmente, os alunos que estão em processo de alfabetização. Deste modo, cabe aos gestores criarem estratégias e oferecerem recursos que garantam aos alunos e professores o acesso à internet de qualidade e equipamentos digitais, tão necessários para a educação dos estudantes no ensino remoto.

## REFERÊNCIAS

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**. Braga/Portugal, v. 16, n. 2, 2003.

CORSINO, Patrícia. **A criança de seis anos e as áreas do conhecimento**. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Orgs.). Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

NOVA ESCOLA. [Como o ensino remoto e a quarentena estão impactando a saúde mental dos professores?](#). Acesso em: 01/02/2021.

NOVA ESCOLA. [Os desafios das professoras que são mães e enfrentam dupla jornada na quarentena](#). Acesso em: 01/02/2021.

NOVA ESCOLA. [Escolas rurais: conheça os desafios e relatos durante o ensino remoto](#). Acesso em: 01/07/2021.

NOVA ESCOLA. [Como estão os professores sem atividades durante o ensino remoto?](#). Acesso em 01/02/2021.

NOVA ESCOLA. [Da pandemia, nasce uma nova relação entre escola e família](#). Acesso em 01/02/2021.

CORREIO BRAZILIENSE. [Pandemia atinge alfabetização; especialistas alertam para novo modelo](#). Acesso em: 15/02/2021.

RESUMO TÉCNICO DA PESQUISA TRABALHO DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA. [Apresentação do PowerPoint](#). Acesso em 12/01/2021.

[RETRATOS DA EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS AGOSTO/2020](#). Acesso em: 13/01/2021.

SOUZA, Elmara Pereira de. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**. Ano XVII, vol. 17, nº 30 págs. 110-118 jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/7127>. Acesso em: 10/02/2021.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane. **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Magda. **Alfabetrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. 1. Ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020a.

SOARES, Magda. **Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia?** [Entrevista concedida a] Emy Lobo. Futura & Educação. 2020b. Disponível em: <https://www.futura.org.br/como-fica-a-alfabetizacao-e-o-letramento-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 03/02/2021.